

## PREFÁCIO

Quem ouve a música de pianistas como Egberto Gismonti, César Camargo Mariano, Tânia Maria, dos pianistas cubanos Gonzalo Rubalcaba e Chucho Valdés ou de Michel Camilo -para citar apenas alguns dos nomes mais conhecidos- pode observar a riqueza rítmica que a caracteriza. Uma análise mais atenta revela algumas transposições para o piano de elementos rítmicos afro-americanos, afro-brasileiros, afro-cubanos. Quem ouve, ainda, o disco *Köln Concert* do pianista Keith Jarrett, percebe, além de uma polirritmia marcante, elementos percussivos aplicados ao piano. Veja-se, por exemplo, o segundo movimento desse disco: começa com um *paradiddle* funcionando como *ostinato* na mão esquerda. Por sinal, Keith Jarrett tem experiência na bateria e suas improvisações revelam um domínio marcante do elemento rítmico.

Nascido no final do século XVII, o piano pertence à família de instrumentos de percussão e é o instrumento sucessor de vários outros de teclas. Os primeiros pianos se afirmaram somente a partir da metade do século XVIII, e o instrumento tem sido, ao longo dos séculos, o ícone da erudição musical.

A técnica pianística desenvolveu-se ao longo da história no que diz respeito a escalas, exercícios para velocidade e articulação. Sabemos que a música européia evoluiu grandemente no que diz respeito à harmonia, mas muito pouco sob o ponto de vista rítmico. Logo, a ênfase no elemento rítmico é fato recente.

A riqueza rítmica se deve à influência da música africana que, especialmente no Novo Mundo, teve a oportunidade de fecundar as novas músicas populares. Os ritmos sincopados, que os escravos africanos veicularam pelo mundo afora, serviram como semente para uma música ritmicamente mais rica.

No Brasil, esse desenvolvimento musical, criou uma riqueza rítmica que é objeto de interesse de músicos e estudiosos do mundo inteiro. Em Cuba, a música de descendência africana criou outra grande escola. Nos EUA, o jazz demonstrou a impossibilidade de se prender o *swing* à partitura.

Enquanto, de forma geral, o ensino tradicional da música continuou não precisando abrir seus horizontes didáticos para o desenvolvimento rítmico do instrumento, a música popular inventou novas abordagens, precisando adaptar as habilidades do instrumentista às novas exigências. A partir dessas considerações, começamos a olhar de forma diferente essa abordagem para o piano na música popular. Eis aqui então uma proposta para trabalhar a coordenação, a independência entre as mãos e para desenvolver a consciência da rítmica e da pulsação.

Como indicado no título deste livro, *Rítmica e levadas brasileiras para o piano*, apresentarei estudos para a independência e coordenação, juntamente com desenhos rítmicos característicos da música brasileira. Com o termo *levada* entendemos um determinado desenho rítmico a ser executado, principalmente como acompanhamento. Assim, por exemplo, um samba é caracterizado por alguns desenhos rítmicos que lhe são próprios. Isso, no jargão musical, chama-se *levada*.

Este manual é fruto da minha pesquisa e trabalho desenvolvidos há diversos anos com alguns alunos do Curso de Música Popular da Faculdade de Música do Espírito Santo. Trata-se de uma iniciação aos ritmos brasileiros e ao estudo rítmico nas teclas. Os resultados positivos me levaram a escrever este método de forma sistematizada para apresentá-lo a um público mais amplo. Parece-me apenas o começo. Assim, espero que esta metodologia possa contribuir a esse novo campo de conhecimento, e que outros pesquisadores possam acrescentar conquistas preciosas para a formação dos pianistas nessa área.